
Fatores Que Influenciam a não Adesão Vacinal Contra Influenza: Uma Revisão da Literatura

Pollyana Milani de Andrade
Elias Emanuel Silva Mota
Faculdade Evangélica de Goianésia - FACEG

Resumo: Objetivo: identificar os fatores associados à não adesão à vacinação contra influenza conforme a literatura. Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A coleta foi realizada em agosto e setembro de 2020. Os artigos foram buscados a partir da Biblioteca Virtual de Saúde nas seguintes bases de dados: BDENF, MEDLINE e SCIELO, por meio dos descritores: vacinas contra influenza, recusa de vacinação e esquemas de Imunização. Após compilação dos artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, e posterior seleção com base na leitura do título, resumo e artigo na íntegra, oito foram elegíveis para compor a presente revisão interativa. Resultados: A vacina tem sido relatada como intervenção apropriada para reduzir a morbimortalidade de doenças imunopreveníveis. Diante dos resultados foi observado a não adesão à vacinação em três contextos: crianças, adultos e idosos. De modo geral, os principais fatores apontados para não adesão foram: falta de informação, falta de confiança na segurança da vacina e medo das reações adversas. Conclusões: É necessário intensificar os projetos sobre educação em saúde e adotar estratégias com abordagens voltadas à cada tipo de público, com orientações voltadas a sanar os mitos sobre as vacinas e incentivar as pessoas à adesão, o que irá contribuir com a redução dos movimentos antivacinas e acabar com boatos e falsas publicações sobre a eficácia das vacinas.

Palavras-Chave: Vacinas contra Influenza. Recusa de Vacinação. Esquemas de Imunização.

Factors Influencing Non-Vaccine Vaccine Action Against Influenza: A Literature Review

Abstract: Objective: to identify the factors associated with non-vaccination against influenza according to the literature. Method: This is an integrative review of the literature. The collection was carried out in August and September 2020. The articles were searched from the Virtual Health Library in the following databases: BDENF, MEDLINE and SCIELO, through the descriptors: influenza vaccines, refusal of vaccination and immunization schemes. After compiling the articles based on the inclusion and exclusion criteria established, and subsequent selection based on the reading of the title, abstract and article in full, eight were eligible to write this interactive review. Results: The vaccine has been reported as an appropriate intervention to reduce the morbidity and mortality of immunopreventable diseases. In view of the results, it was observed that vaccination was not adhered in three contexts: children, adults, and the elderly. In general, the main factors pointed out for non-adherence were lack of information, lack of confidence in vaccine safety and fear of adverse reactions. Conclusions: It is necessary to intensify projects on health education and adopt strategies with approaches aimed at each type of public, with guidelines aimed at resuming the myths about vaccines and encouraging people to support, which will contribute to the reduction of anti-vaccine movements and end rumors and false publications about the effectiveness of vaccines.

Keywords: Influenza Vaccines. Refusal of Vaccination. Immunization schemes.

Introdução

A vacina tem por função estimular o sistema imune a produzir anticorpos e proteger o corpo contra bactérias e vírus causadores de doenças infecciosas. A primeira publicação sobre vacinas foi realizada em 1798 pelo médico inglês Edward Jenner, que descobriu a inoculação do exsudato do vírus de *vacínia* (doença benigna), que conferiu imunidade à varíola (Alves *et al.*, 2019). Porém, quem recebeu o mérito foi o médico francês Louis Pasteur, em 1885, com o desenvolvimento da vacina antirrábica (APS *et al.*, 2018).

Marco importante, em 1994 foi implementada a Estratégia em Saúde da Família (ESF), para atuar na atenção as famílias, incluindo verificar a caderneta de vacinação e a situação vacinal, e encaminhar a população para vacina conforme calendários. Em 2006 foi estabelecida a Política Nacional de Atenção Básica com intuito de proteger, prevenir, diagnosticar, realizar tratamento e manutenção da saúde. As vacinas são ofertadas conforme calendário considerando: tipo de vacina, número de doses e reforço, idade, intervalos entre doses (Brasil, 2015).

Até o ano de 2003, os calendários de vacinação beneficiavam apenas as crianças. Porém, desde 1980 outros grupos já recebiam vacinas, apesar de não constar no calendário. A partir de 2004 as vacinas passaram a ser regulamentadas pela Portaria 597 de 8 de abril de 2004 (Brasil, 2015). Os calendários são regulamentados pela Portaria ministerial n. 1.498 de 19 de julho de 2013, no âmbito do PNI, em todo território nacional. O Brasil oferece grande quantidade de vacinas a população, são aproximadamente 300 milhões de doses anuais gratuitas, entre 44 imunobiológicos, incluindo vacinas, soros e imunoglobulinas. São cerca de 34 mil salas de vacinação, 42 Centros de Referência em Imunobiológicos Especiais (CRIE) criados considerando as evidências epidemiológicas, eficácia e segurança vacinal e garantia de sustentabilidade (Brasil, 2014; Brasil, 2015).

No histórico brasileiro sempre houve controvérsias a respeito da vacina, tendo um marco importante na história com as campanhas sanitárias, em que, indivíduos desinformados de suas vantagens pronunciavam-se em oposição (Junior, 2019).

Informações não verídicas são fortes aliadas para não adesão vacinal. Muitas dessas informações disponíveis pela mídia não evidenciam estudos precisos. Notícias falsas circulam em massa pelos meios sociais de comunicação. Questões variadas como fatores socioeconômicos, costumes, religiosidade, questões culturais, intensificam a decisão de não vacinar. A não adesão vacinal pode ocasionar um alto índice epidêmico, retornando patologias que haviam sido eliminadas, comprometendo o bem-estar da população (Passos & Filho, 2020).

É de suma importância que a sociedade entenda as vantagens de se imunizar. A equipe de saúde deve levar essas informações de forma clara e convincente, e esclarecer a importância de se adquirir qualidade de vida através da vacinação. A equipe de saúde é a ferramenta indispensável na oferta de informações reais de apoio a saúde pública (APS *et al.*, 2018).

A falta de conhecimento sobre vacinas, seus benefícios, importância para o controle de proliferação de doenças, pode influenciar de forma negativa na adesão à imunização. A vacina é uma estratégia de proteção contra agentes infecciosos e redução de riscos para a pessoa e toda a comunidade, porém a percepção enganosa, mitos e boatos tem contribuído para a não adesão à vacinação (Souza, Gomes & Maciel, 2019). A baixa adesão à vacinação pode ser relacionada a um comportamento influenciado por questões relativas à confiança, falta de percepção de risco, acesso à vacina, medo, desinteresse ou falta da vacina. E podem ser atribuídos a fatores socioculturais, políticos e pessoais. Além disso, dúvidas sobre a real necessidade das vacinas, preocupações com a segurança das vacinas e o medo de possíveis eventos adversos (Duarte *et al.*, 2019).

A influenza sazonal, conhecida popularmente como gripe, é uma doença grave, que pode levar a complicações, internações e até a morte. É comumente confundida com resfriado levando a cada ano cerca de 772 mil pessoas a hospitalização, onde 41 a 71 mil dessas pessoas vão a óbito nas Américas. Desse modo, requer atenção para que haja a correta imunização das pessoas e o enfermeiro é o principal agente para promover a adesão (Abrunheiro, 2017). Esta pesquisa teve por objetivo identificar os fatores

associados à não adesão à vacinação contra influenza conforme a literatura.

Método

A presente pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Teve como base o ensinamento de Sousa *et al.* (2017), que relatam essa modalidade de pesquisa como aquela que reúne achados de vários autores de diferentes metodologias, buscando sintetizar seus resultados de modo sistemático e rigoroso. Tem sido adotada pelos pesquisadores da área de Enfermagem devido ao rigor teórico-metodológico que é estabelecido pela pesquisa empírica tradicional e seus resultados permitem acessar a informação acumulada e desenvolver novas pesquisas.

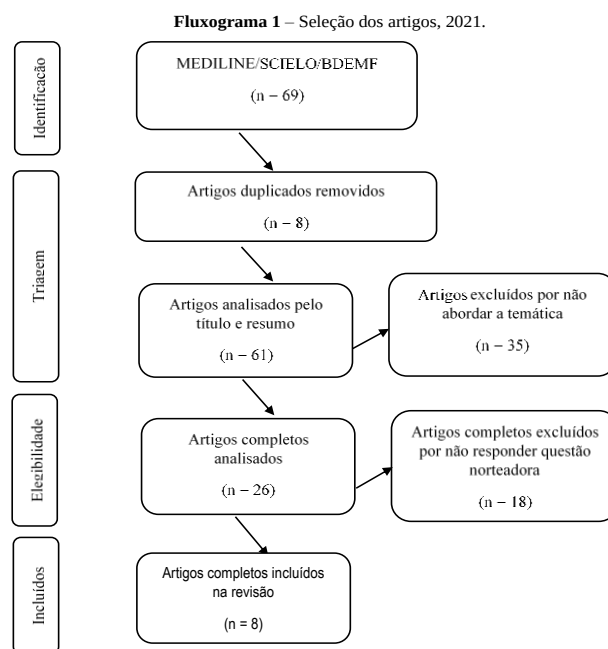
A coleta foi realizada em agosto e setembro de 2020. Os artigos foram buscados a partir da Biblioteca Virtual de Saúde nas seguintes bases de dados: Base de Dados de Enfermagem (BDENF), *Medical Literature Analysis and Retrieval System online* (MEDLINE), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), utilizando os descritores (DeCS): Vacinas contra Influenza, Recusa de Vacinação e Esquemas de Imunização. A pergunta norteadora utilizada foi: Quais são os fatores relatados por adultos e idosos pacientes, pais e/ou responsáveis de crianças associados à não adesão à vacinação contra influenza?

A pesquisa foi desenvolvida conforme as etapas para coletar dados descritas por Sousa *et al.* (2017), quais sejam: 1) escolher um tema, construir hipóteses e uma pergunta norteadora; 2) Elaborar os critérios de inclusão e exclusão para selecionar os artigos; 3) categorizar os estudos com as seguintes informações: autor, ano, título, publicação, participantes, resultados; 4) avaliar os dados coletados; 5) interpretar e apresentar os resultados e 6) apresentar a revisão integrativa.

Foram incluídos neste estudo: artigos científicos completos, em idioma português, publicados entre 2016 e 2021. Foram excluídos: artigos de revisão da literatura, e aqueles que não possuíam informações pertinentes à pergunta norteadora, artigos que retratam sobre os motivos à não vacinação de forma geral ou sobre outras doenças.

Os dados foram selecionados considerando estudos de evidências científicas descritos por Sousa *et al.* (2017) que recomendam utilizar: 1) pesquisa documental, epidemiológica; 2) estudos de campo; 3) estudos de coorte e de casos; 4) estudos quantitativos e qualitativos; 5) relato de caso e experiência; 6) pesquisa exploratória e transversal.

Na busca com os descritores selecionados foram encontrados 69 artigos, onde 38 artigos da MEDLINE, 24 da BDENF e 07 da SCIELO. Foram lidos os títulos e resumos, analisados e verificado que 8 eram duplicados, 35 não respondiam o objetivo proposto nem a pergunta norteadora, foram descartados. Dos 26 artigos restantes, foram lidos na íntegra e verificado que 08 foram elegíveis para compor a revisão iterativa (Fluxograma 1).



Fonte: autores, 2021.

Resultados

Os resultados desta pesquisa apontaram oito autores que abordaram a temática, capazes de responder à pergunta norteadora e alcançar o objetivo proposto. Estão descritos em ordem cronológica no quadro 1 a seguir.

N.	Ano	Publicação	Autor(se)	Título	Tipo de estudo/nível de evidência	Participantes	Limitação do estudo	Motivos da não adesão
1	2016	Revista Atenção Saúde	Dias, L.P.; Dias, M.P.	Avaliação dos fatores relacionados à não adesão à segunda dose da vacina h1n1 em um centro de saúde-escola	Estudo descritivo-exploratório	264 crianças	Devido a dificuldades, como a localização dos sujeitos da pesquisa, a análise de alguns dados ficou limitada, embora não tenham prejudicado o alcance das metas do estudo.	Ausência de informação quanto à necessidade do retorno à unidade de saúde para completar o esquema de vacinação; descompasso entre a informação da ficha de registro na unidade de saúde e o que estava anotado no cartão da criança; e falta de vacina na unidade, o que interfere a atualização do cartão das crianças.
2	2016	Epidemiologia em Serviços de Saúde	Neves, R.G.; Duro, S.M.S.; Tomasi, E.	Vacinação contra influenza em idosos de Pelotas-RS, 2014: um estudo transversal de base populacional	Estudo transversal	1.451 idosos	Uma das possíveis limitações do estudo é o viés recordatório. Como a pergunta do desfecho fez referência ao ano anterior, os idosos poderiam apresentar certa dificuldade de lembrar eventos passados.	Entre os não aderentes (n=414), o principal motivo foi 'não quis/não gosta' (45%).
3	2017	Associação Brasileira Rede Unida	Silva, L.E. da; Lopes, A.V.; Medeiros, L.R. de	Baixa adesão dos idosos a vacina contra o vírus influenza: um relato de experiência	Pesquisa de campo, com abordagem quali-quantitativa	idosos com idade superior a 60 anos	Os autores não descreveram as limitações do estudo.	No que se refere aos motivos da não-adesão à vacina influenza, os relatos foram: crença de que a vacina provoca reação 50% (13), não considerar a vacina necessária 40% (10), esquecimento 10% (3).
4	2017	Revista Gaúcha de Enfermagem	Arrelías, C.C.A. et al.	Vacinação em pacientes com diabetes mellitus na atenção primária à saúde: cobertura e fatores associados	Estudo transversa	255 pacientes	A limitação relaciona-se ao próprio desenho do estudo que não permite estabelecer relações de causa e efeito entre a cobertura vacinal e as variáveis investigadas, entretanto os resultados permitem obter o diagnóstico de vacinação dos pacientes	A baixa porcentagem de pacientes com vacinação atualizada para a vacina influenza permite supor que a maioria dos pacientes já teve contato com a vacina, no entanto não aderiram à sua recomendação anual. Esse fato pode estar relacionado a uma diminuição no enfoque dado ao diabetes como um dos grupos prioritários de vacinação.

							com DM para as vacinas recomendadas pelo Programa Nacional de Imunizações.	
5	2018	Cogitare Enfermagem	Siewert, J.S. et al.	Motivos da não adesão de crianças à campanha de vacinação contra a influenza	Pesquisa quantitativa, tipo descritiva	380 responsáveis de crianças entre 6 meses e 4 anos	Os autores não descreveram as limitações do estudo.	Os motivos da não adesão à campanha contra influenza foram: medo da reação adversa (21; 51,3%); informação de que a criança estava gripada (10; 24,3%); e desconhecimento sobre a Campanha (12,4%).
6	2021	Revista Bras. Geriatria e Gerontologia	Andrade, A.B.C.A. et al.	Vacinação contra a influenza autorreferida por idosos de áreas rurais ribeirinhas: implicação potencial dos achados frente à pandemia de covid-19 no Amazonas	Inquérito Epidemiológico	102 pessoas idosas	O estudo apresenta como limitação o uso de informações referidas, sujeitas a vieses de informação.	A maioria dos motivos especificados pelos idosos para a não vacinação foram as fragilidades das informações sobre a vacinação (60,71%), seguido por motivos relacionados às barreiras de acesso à vacinação (28,58%).
7	2021	Brazilian Journal of Health Review	Matos, A.F.F. et al.	Conhecimento e adesão vacinal dos idosos ao calendário de vacinação Específico	Estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa	20 idosos com idade entre 60 e 81 anos	Os autores não descreveram as limitações do estudo.	Idosos não aderem por considerarem desnecessário a imunização contra influenza.
8	2021	Einstein (São Paulo).	Meneghini, K.F. et al.	Cobertura vacinal de influenza em idosos e adultos de alto risco: caracterização dos fatores associados	Estudo transversa	680 indivíduos	Como possíveis limitações, aponta-se a não inclusão de todos os grupos de risco referenciados pelo Ministério da Saúde.	A não vacinação foi devido a: Insegurança alimentar – 57,9%; Estresse – 55,2%; Perceber que tem boa saúde - 50%; Sintomas depressivos – 58,2%; Não consultar um médico sobre a vacina – 65,3%.

Discussão

A vacina tem sido relatada como intervenção apropriada para reduzir a morbimortalidade de doenças imunopreveníveis. Diante dos resultados foi observado a não adesão em três contextos que foram separados como categorias.

Os autores dos artigos 1 e 5 vão de encontro a um estudo que aponta a discordância de informações devido aos pais não comparecerem nas datas previstas ou optarem por vacinar em outro local, desse modo, os cartões espelho guardados na instituição não continha as informações, sendo impossibilitados de garantir que ocorreram ou não a vacinação de algumas crianças (Dias & Dias, 2017).

A literatura descreve que além do preenchimento correto das informações em fichas e cartão de vacina, é de responsabilidade não somente da equipe da sala de vacina, mas de todos os profissionais de saúde sempre verificar a situação vacinal, especialmente de crianças. Essa interação entre os setores contribui para manter o controle vacinal da população, visto que, quando um setor verificar que determinado paciente não recebeu uma dose de vacina que está prevista, ele orientar a pessoa quanto a importância da vacinação (Souza, Gomes & Maciel, 2019).

Estudo realizado no estado de São Paulo, no período de 2010 a 2020, sobre a cobertura vacinal, demonstrou que em 2016 e 2017, no Brasil, ocorreu baixa adesão as vacinações contra influenza devido à falta de vacinas nas unidades de saúde (Senhorães & Passos, 2021). Desse modo, pode justificar o apontamento do artigo 1, no que se refere a alegação dos pais quanto a escassez de vacinas na unidade pesquisada e a busca por outros locais para vacinar as crianças. Porém, é importante a comunicação para que a informação fique completa tanto nos sistemas de saúde quanto no cartão e fichas de vacinação da criança. Nesse sentido, um estudo descreveu que o enfermeiro tem papel fundamental na adesão a vacinação, especialmente de crianças. Ele deve orientar os pais ou responsáveis e contribuir para que a vacinação ocorra de modo adequado (Costa *et al.*, 2019).

Informações não verídicas são fortes aliadas para não adesão vacinal. Muitas dessas informações disponíveis pela mídia não evidenciam estudos precisos. Notícias falsas circulam em massa pelos

meios sociais de comunicação. Questões variadas como fatores socioeconômicos, costumes, religiosidade, questões culturais, intensificam a decisão de não vacinar (Passos & Filho, 2020).

A não adesão vacinal pode ocasionar um alto índice epidêmico, retornando patologias que haviam sido eliminadas, comprometendo o bem-estar da população (Passos & Filho, 2020). É de suma importância que pais ou responsáveis entenda as vantagens de imunizar suas crianças (Senhorães & Passos, 2021). A equipe de saúde deve levar essas informações de forma clara e convincente, e esclarecer a importância de se adquirir qualidade de vida através da vacinação. A equipe de saúde é a ferramenta indispensável na oferta de informações reais de apoio a saúde pública (APS *et al.*, 2018).

No estudo 2 os motivos apresentados entre os não aderentes foi 'não quis/não gosta'. Enquanto que, os autores do estudo 3 relataram a crença de que a vacina provoca reação, ou não consideram a vacina necessária, ou informaram ter esquecido de vacinar. Os autores do artigo 6 constataram como motivos para a não vacinação as fragilidades nas informações sobre a vacinação e as barreiras de acesso à vacinação. Ainda, os autores do artigo 7 destacaram que os idosos não aderem à vacina por considerarem desnecessário a imunização contra influenza.

Os determinantes da recusa/indecisão vacinal podem ser atribuídos à vários fatores socioculturais, políticos e pessoais. Um estudo de revisão também destacou como motivos relacionados a recusa vacinal, as dúvidas sobre a real necessidade das vacinas, preocupações com a segurança das vacinas, medo de possíveis eventos adversos, conceitos equivocados sobre a segurança e eficácia das vacinas: experiências anteriores negativas, desconfiança sobre a seriedade da indústria produtora de vacinas e o sistema de saúde, pensamentos heurísticos, questões filosóficas e religiosas (Succi, 2018).

Em um estudo transversal, realizado com trabalhadores da atenção primária e da rede de saúde de cinco cidades da Bahia, entre 2010 e 2012, totalizando 3.084 respondentes, destes, cerca de 38,5% dos profissionais apresentaram prevalência de relato de vacinação completa para o calendário adulto. A baixa adesão à vacinação foi definida como comportamento influenciado por questões relacionadas à confiança, falta de percepção de risco,

acesso à vacina, medo, desinteresse e falta da vacina. Os autores observaram que a perspectiva de risco iminente parece ainda modelar uma maior probabilidade de vacinação e de adesão a programas de proteção da saúde (Araújo, Souza & Pinho, 2019).

Apesar do impacto na redução de casos e mortes por doenças imunopreveníveis, existem movimentos antivacinação cada vez mais frequentes e persuasivos. Eles utilizam táticas persuasivas de distorção e divulgam informações falsas, alegando alguma base científica e questionam tanto a eficácia, quanto a segurança de diversas vacinas. Há relatos em relação as vacinas: tríplice viral, adjuvantes e o conservante timerosal. A alegação é que as estas vacinas podem ocasionar autismo em crianças (APS *et al.*, 2018).

Os autores supracitados apontam também que as mídias divulgaram que houve a ocorrência de casos de paralisia temporária (Síndrome de Guillain-Barré (SGB) e Síndrome Postural Ortostática Taquicardizante (SPOT)) entre as jovens vacinadas contra o vírus HPV, após a imunização. Entretanto, a OMS informou que nenhum evento adverso grave foi constatado, mesmo após sua aplicação em milhões de pessoas, e que a ocorrência de SGB em pessoas vacinadas possui frequência similar aos casos de doença com causa desconhecida (APS *et al.*, 2018).

Um estudo realizado com profissionais da saúde indicou que a maioria dos participantes concordaram com a eficácia das vacinas, com a seriedade do PNI e que doenças imunopreveníveis podem ser evitadas com vacinas. Eles também alegaram presenciar recusa relacionadas à vacinação, e nesses casos disseram que orientam as pessoas sobre os riscos e sobre a possibilidade de medida judicial contra pais e responsáveis que se recusam a vacinar seus filhos ou menores tutelados. Os participantes consideraram como possíveis causas de recusa vacinal: medo de eventos adversos; razões filosóficas; razões religiosas; e desconhecimento sobre a gravidade e frequência das doenças imunopreveníveis (Mizuta *et al.*, 2019).

Nesse contexto, a enfermagem pode realizar ações para reduzir os eventos relacionados à antivacinação, tais como: realizar investigação epidemiológica; identificar a taxa de vacinação relacionada à cobertura vacinal; identificar a maneira correta de atender ao público de acordo com cada território; realizar visitas domiciliares e captar

usuários no território; realizar parceria com locais de circulação coletiva, como: instituições escolares, religiosas e outras instituições (Polakiewicz, 2019).

Por fim, há a necessidade de realizar educação em saúde sobre a imunização; orientar sobre a importância da imunização, principalmente, nos grupos de risco; manter a ordem e a disposição do atendimento ao público, nos Postos de Vacinação; preencher corretamente as fichas para controle e aprazamento das doses e datas subsequentes da vacina com a finalidade de realizar o controle da dispensação de doses, contribuindo para próximas avaliações epidemiológicas; e colaborar na elaboração de projetos de treinamento local para voluntários da comunidade e pessoas ligadas a instituições coletivas (Polakiewicz, 2019).

A maior parte dos estudos selecionados trata sobre a não adesão de pessoas idosas. Os estudos com idosos detectaram baixa adesão a vacinação e não atendimento as recomendações para novas doses. A não vacinação apresentou vários motivos, como: fatores relacionados a insegurança alimentar, ao estresse emocional, a percepção de boa saúde, a sintomas depressivos, ao sentimento de necessidade de consultar um médico sobre a vacina (Meneghini *et al.*, 2021).

No mesmo sentido, um estudo epidemiológico de delineamento transversal, realizado com 1399 idosos do município de São Paulo, onde cerca de 73,8% foram vacinados. Os demais, não vacinados, alegaram que a vacina anti-influenza provoca gripe e 8,3% não acreditam na eficácia da vacina, justificando assim sua não adesão. Essa percepção negativa quanto à vacina influenza devido a crença de que ela provocaria a gripe prevaleceu entre os idosos com idade entre 70 e 80 anos (Moura *et al.*, 2015).

A imunização é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tanto para indivíduos saudáveis quanto para os vulneráveis. Todavia, a vacinação em adultos, principalmente em idosos, tem se tornado um desafio. Muitos idosos acreditam que as vacinas causam doenças, não são eficazes, sentem insegurança, acreditam em boatos, especialmente aqueles relacionados à vacina antigripal. Aproximadamente, 83,2% dos idosos tem medo de ser vacinado e expressam o desejo de nunca vacinar (Moura *et al.*, 2015; Lino & Medeiros, 2018).

Conhecer o nível de informação da população

sobre as vacinas, seus efeitos e contraindicações é essencial para que a população tenha 100% de confiança nos procedimentos e combate às doenças preveníveis. É preciso esclarecer a população sobre mitos e verdades das vacinas com o intuito de evitar que crianças fiquem sem vacinar, se expondo a riscos de doenças que podem levá-las a óbito (OPAS, 2016). A vacinação pode ser vítima do próprio sucesso, ou seja, a eliminação ou controle de doenças evitáveis por vacinas pode alterar a percepção de risco, esmorecendo o incentivo à vacinação, levando a acreditar em argumentos sobre antivacinação (Succi, 2018).

Além disso, os profissionais que atuam em sala de vacinas precisam de educação permanente e atualizações. Uma pesquisa realizada em 25 salas de vacinas da Região Ampliada Oeste-MG, que averiguou quais são os entraves que tem impedido a realização de Educação Permanente em Saúde (EPS) para estes profissionais, apontou a sobrecarga de trabalho associada com recursos humanos insuficientes; o distanciamento do enfermeiro da sala de vacina; e a falta de apoio das instâncias superiores (Memorando) como os principais motivos. Os autores salientam que a EPS em sala de vacina deve buscar compreender o cotidiano desses profissionais, apresentar conhecimentos e habilidades técnicas atualizadas, indicar ações e mostrar a importância da vacinação e de orientar a população quanto as vacinas (Martins *et al.*, 2018).

Referências

- Abrunheiro, A.S.S. (2017). *Vacina Universal do vírus influenza: Mito ou Realidade?* 2017. 79fls. Monografia (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas). Farmácia da Universidade de Coimbra, set.
- Alves, M. D. D. F. S. *et al.* (2019). A história da vacina: uma abordagem imunológica. *Mostra Científica em Biomedicina*, 4(1).
- Andrade, A. B. C. A. D. *et al.* (2021). Vacinação contra a influenza autorreferida por idosos de áreas rurais ribeirinhas: implicação potencial dos achados frente à pandemia de covid-19 no Amazonas. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24.
- Aps, L. R. D. M. M. *et al.* (2018). Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. *Revista de Saúde Pública*, 52.
- Araújo, T. M. D., Souza, F. D. O., & Pinho, P. D. S. (2019). Vacinação e fatores associados entre trabalhadores da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 35.

Conclusão

Diante dos estudos selecionados, verifica-se a importância da conscientização sobre a vacinação tanto para crianças, quanto para adultos e idosos. As alegações para a não adesão não têm fundamento científico, sendo demonstrado credices e mitos populares como motivos para não vacinar contra influenza.

As vacinas salvam milhares de vidas e sua eficácia tem sido comprovada ao longo das décadas. É importante intensificar campanhas que retratam os benefícios da vacinação, trabalhar educação em saúde, adotar estratégias e abordagens voltadas a cada público (crianças, jovens e idosos), com orientações voltadas a sanar os mitos sobre as vacinas e incentivar as pessoas a adesão, contribuindo para a redução dos movimentos antivacinas e boatos e falsas publicações sobre a eficácia dos imunizantes.

Contribuição

O estudo contribuiu para conscientizar sobre vacinação contra influenza, medidas para promover a adesão das pessoas na sociedade.

Conflito de Interesses

Esta pesquisa não teve nenhum conflito de interesse.

- Arrelias, C. C. A. *et al.* (2018). Vacinação em pacientes com diabetes mellitus na atenção primária à saúde: cobertura e fatores associados. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Fundação Nacional de Saúde – FUNASA. *Cronologia Histórica da Saúde Pública*, ago.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2014). *Manual de Vigilância Epidemiológica de Eventos Adversos Pós-Vacinação*. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2015). Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Imunizações: coberturas vacinais no Brasil. Período: 2010-2014*. Secretaria de Vigilância em Saúde, Brasília: Ministério da Saúde.
- Costa, P. *et al.* (2019). Adesão à vacinação contra influenza. *Rev. enferm. UFPE on line*, 1151-1156.
- Dias, L. P., & Paiva Dias, M. (2017). Avaliação dos fatores relacionados à não adesão à segunda dose da vacina H1N1 em um centro de saúde-escola. *Revista de Atenção à Saúde*, 15(51), 34-45.
- Lino, G.G., & Medeiros, L.B. (2018). *Motivos que levam os idosos à recusa das vacinas: uma Revisão Integrativa*. 2018. 24fls. Monografia. (Bacharel em Enfermagem) Centro Universitário São Lucas, Porto Velho.
- Martins, J. R. T. *et al.* (2018). Educação permanente em sala de vacina: qual a realidade?. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 668-676.
- Matos, A. D. F. F. *et al.* (2021). Conhecimento e adesão vacinal dos idosos ao calendário de vacinação específico. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 3093-3107.
- Meneghini, K. F. D. *et al.* (2021). Cobertura vacinal de influenza em idosos e adultos de alto risco: caracterização dos fatores associados. *Einstein (São Paulo)*, 19.
- Mizuta, A. H. *et al.* (2018). Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina. *Revista Paulista de Pediatria*, 37, 34-40.
- Moura, R. F. *et al.* (2015). Fatores associados à adesão à vacinação anti-influenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 31, 2157-2168.
- Neves, R. G., Duro, S. M. S., & Tomasi, E. (2016). Vacinação contra influenza em idosos de Pelotas-RS, 2014: um estudo transversal de base populacional. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25, 755-766.
- Organização Panamericana de Saúde – OPAS. (2016). *Mitos e fatos sobre vacinação*. OPAS, mar.
- Passos, F. T., & Moraes Filho, I. M. (2020). Movimento antivacina: revisão narrativa da literatura sobre fatores de adesão e não adesão à vacinação. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 3(6), 170-181.
- Polakiewicz, R. (2019). Ações de enfermagem frente ao fenômeno da não imunização. *PEBMED [internet]* ago.
- Senhorães, I.T.C., & Passos, L.M. (2021). *Análise da cobertura vacinal no município de Santos de 2010 a 2020. Monografia* (Bacharel em Biomedicina). Centro Universitário São Judas Tadeu – CSJT.
- Siewert, J. S. *et al.* (2018). Motivos da não adesão de crianças à campanha de vacinação contra a influenza. *Cogitare Enfermagem*, 23(3).
- Silva, L. E., Lopes, A. V., & Medeiros, L. R. (2018, February). Baixa adesão dos idosos a vacina contra o vírus influenza: um relato de experiência. In *13º Congresso Internacional Rede Unida*.

Sousa, L. M. M. *et al.* (2017). A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. *Nº21 Série 2-Novembro 2017*, 17.

Souza, A.M., Gomes, S.F., & Maciel, A.L. (2019). Responsabilização frente ao atraso vacinal: uma revisão bibliográfica. *X Mostra Integrada de Iniciação Científica*.

Succi, R.C. (2018). Recusa vacinal: o que precisamos saber. *J. Pediatr.*, Rio de Janeiro, 94(6), 574-8. out./dez.

Pollyana Milani de Andrade

Bacharel em Enfermagem Faculdade Evangélica de Goianésia-FACEG

E-mail: pollyanamandrade@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3591-1862>

Elias Emanuel Silva Mota

Graduado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Anápolis, mestrado e doutorado em genética e melhoramento de plantas pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Faculdade Evangélica de Goianésia - FACEG. Tem experiência na área de Recursos genéticos, Genética Quantitativa, Genética de Populações e Ornitologia, atuando principalmente nos seguintes temas: melhoramento e conservação de espécies nativas do Cerrado.

E-mail: elias-emanuel@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2572-3400>

Recebido em: 21/12/2021

Aceito em: 04/08/2022